

Revista Científica Indexada Linkania Master - ISSN: 2236-6660

Ano 1 - Nº 01 – Setembro/Outubro - 2011

---

Tereza Lopes Miranda

Graduada em serviço social- UEPG, Especialista em Psicologia da educação- UEPG e Especialista em estudos Latinos – americanos- UFJF, Técnica em Reabilitação de dependentes químicos- UFPR. Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG.

**Tema:** A dialética da linguagem e a construção do ser na ótica de gênero.

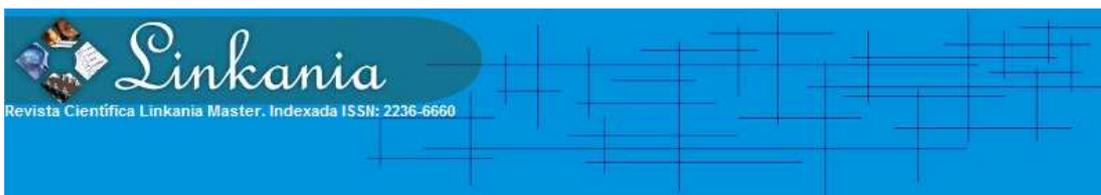
**Palavras chaves:** linguagem, gênero, identidade.

**Título:** Desconstruir a linguagem e descolonizar o corpo

### **Introdução:**

Este artigo tem como objetivo compreender o processo histórico cultural e seus determinantes na formação do ser humano. Busca compreender como e porque as diferenças de gênero são transformadas em desigualdade, ou seja, como as diferenças naturais, biológicas entre seres humanos convertem-se na naturalização da desigualdade e da opressão de um sexo sobre o outro. E como as pessoas se percebem enquanto ser consigo mesmo e com relação ao outro, considerando como bases que fundamentam o processo educativo, a família, a escola e a religião.

“Dado ao fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a



Revista Científica Indexada Linkania Master - ISSN: 2236-6660

Ano 1 - Nº 01 – Setembro/Outubro - 2011

alicerça, cáimos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas” (BOURDIEU, 2003, p.20).

Assim, estamos entendendo que a forma como nos concebemos tanto objetiva como subjetivamente passa pelo processo de construção social, histórico e cultural. Neste sentido buscaremos no processo histórico de formação e construção cultural entender as ações políticas "educativas" com respeito ao ser no mundo enquanto pessoa bem como; perceber qual a representação, que o ser feminino e masculino tem a respeito de seu mundo e do mundo do outro ou da outra. Para tanto partimos da hipótese de que a linguagem enquanto processo dialético é fundamental na desconstrução e reconstrução do ser humano onde mudanças significativas no campo da transformação social passam pela re-significação da linguagem.

Conforme Cecília Toledo para que possamos entender a situação da mulher é preciso conceber a situação do homem. E para conhecer de fato a opressão da mulher é preciso estudar o seu opressor, que é a sociedade de classes, que tem o homem como agente dessa opressão. (2001) Ou seja, as relações de gênero estão relacionadas de forma direta com a maneira que se organiza a sociedade. Seja social, política, econômica cultural e sexualmente.

Para BOURDIEU, convocar as mulheres para que se comprometam com uma ação política

“è desejar que elas saibam trabalhar para inventar e impor, no seio mesmo do movimento social e apoiando-se em organizações nascidas da revolta contra a discriminação simbólica, de que elas são, juntamente com os (as) homossexuais, um dos alvos privilegiados, formas de organização e de ação coletivas e armas eficazes, simbólica, sobretudo capazes de abalar as

instituições, estatais e jurídicas, que contribuem para eternizar sua discriminação.” (2003, p.5)

Para o autor, a mobilização marcadamente política abre caminho a uma ação coletiva de resistência para as mulheres na luta contra as forças históricas, neutralizando os mecanismos de neutralização da história. E ainda

“colocar o problema nestes termos é marcar um progresso na ordem do conhecimento que pode estar no princípio de um progresso decisivo na ordem da ação. Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais do que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola e também, em outra ordem, o esporte e o jornalismo (...)” (BOURDIEU, 2003, p.5).

Assim percebidas tais instituições se apresentam de forma subsequente na vida dos sujeitos naturalizando práticas e visões de mundo que passam a ser entendidas como prontas e eternas. Quando na verdade são resultados de uma construção que se convencionou como única a ser seguida e onde qualquer comportamento que não combine com o que está posto, representado para os sujeitos, passa a ser discriminado, julgado e até mesmo condenado. Esquecendo de que somos produtos e produtores da realidade que nos cerca, onde

“(o corpo e seus movimentos, matrizes de universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e “motivado”, e assim percebido quase como natural.)” (BOURDIEU, 2003, p.20)

O que leva as pessoas a se identificarem com modelos que a partir de uma concepção com base no discurso da natureza ignoram os efeitos da cultura, no processo de construção da identidade dos sujeitos. Segundo Kolontai, "a vida nas

últimas décadas, forjou na luta pesada da necessidade vital, outra mulher de tipo psicológico completamente desconhecido até agora. Uma mulher com novas necessidades e emoções". (2000:74). Desta forma queremos compreender a identidade do ser em construção e sua relação com a linguagem enquanto processo dinâmico e capaz de exercer influências na sua forma de sentir e compreender o mundo.

Neste sentido, a identidade não é somente o que aparenta, mas também é o seu interior, ou seja, a história de vida do indivíduo. Assim a identidade pode ser pontos referenciais da pessoa, pontos que não mudam com o tempo, como o nome, relações de parentesco entre outros. A pessoa só se reconhece quando se diferencia do outro, quando passa a comparar-se com os outros. Entenda-se na questão de gênero que o outro é sempre visto em relação ao masculino, branco e heterossexual "ser perfeito", onde qualquer outro que não seja ele mesmo é, portanto, alguém não só diferente, mas necessariamente desigual. Assim "dois sexos incomensuráveis são resultado de práticas discursivas, mas só se tornam possíveis dentro de realidades sociais às quais essas práticas dão sentido." (LAQUEUR, 2001, p. 245)

Para LAQUEUR, a linguagem supostamente neutra do liberalismo deixou as mulheres sem voz própria, dando início a um discurso de diferença. Afirma que

"se as mulheres fossem simples versões inferiores dos homens, como ditava o modelo de sexo único, não precisariam escrever, nem participar de alguma ação pública, nem fazer outras reivindicações a si próprias como mulheres; os homens podiam representá-las muito melhor que elas próprias." (LAQUEUR, 2001, p. 245)

Desta forma a identidade depende de diferenciação do outro, ou da identificação com o outro, e com o meio, estabelecendo interação entre o indivíduo

e sua cultura. Notamos que há diferentes identidades; entre as várias culturas, o que pressupõe que a cultura influencia a linguagem e que em sua relação com o meio o ser se constitui, se afirma ou se modifica, e a linguagem como vínculo de transmissão de valores nos pressupostos culturais exerce fundamental importância, sendo um referencial por meio do qual a desigualdade pode ser desvelada ou reafirmada. A identidade social que diferencia os indivíduos e se define pelo conjunto de papéis que desempenhamos, cria uma expectativa de comportamentos e uma ilusão de que os papéis são "naturais e necessários". Quando reproduzimos o esperado pelos grupos que nos cercam somos considerados "bem ajustados". No entanto para LOURO, as identidades sociais (não apenas sexuais e de gênero, mas também de classe, raça e nacionalidades etc.), se definem no âmbito da cultura e da história.

“Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.” (LOURO, 2007, p.12)

Para a referida autora, somos sujeitos de identidades múltiplas, transitórias e contingentes com caráter fragmentado, instável, histórico e plural, isto vale tanto para as identidades de gênero e sexual como para todas as identidades sociais, onde as identidades múltiplas podem até mesmo cobrar lealdades diferenciadas, divergentes ou contraditórias. “Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser então rejeitadas e abandonadas.” (LOURO, 2007, p. 12)

Estamos desta forma entendendo a linguagem como fator social que exerce influência na formação e compreensão do ser e de sua identidade, Onde múltiplos

olhares precisam ser considerados levando em conta inclusive a questão geracional.

Para Lane, a linguagem é aquilo através do que se generaliza a experiência da prática sócio-histórica da humanidade. (Lane: 1991). Conforme a autora, a linguagem se desenvolveu historicamente quando os seres tiveram que cooperar para a sobrevivência, criando instrumentos necessários para prática. A linguagem surge como forma de generalizar e transmitir esta prática. Podemos dizer então que a linguagem existe como produto social e que é através das relações com os outros que elaboramos nossas representações sobre o mundo através de sucessivas gerações.

Quando a criança está começando a usar a linguagem, brinca com uma bola que só se constituirá em representação quando outras pessoas se referirem a ela como "bola". A representação é, portanto o sentido pessoal que atribuímos ao significado elaborado socialmente. Porém nem todas as nossas representações se formam de maneira tão simples assim. Pensemos por exemplo em termos como: Deus, eternidade, morte, infinito, sociedade, história, classe social, etc. São representações onde a experiência "prática concreta", é impossível ou acontece apenas parcialmente, mas são representações com mais ou menos valor simbólico que a subjetividade do indivíduo vai abarcando a partir de experiências construídas em relação com o meio e de acordo com o momento histórico e a cultura na qual o sujeito está inserido.

Assim a linguagem age como facilitadora no processo de socialização, onde o indivíduo determina e é determinado pelo meio. Sua forma de existir será influenciada, mas também influenciará o meio pela sua prática e compreensão de mundo. (Lane, 1991)

A questão de gênero desde a década de 70 é um termo que vem sendo usado

"para teorizar a questão da diferença sexual. O gênero sublima o aspecto relacional entre mulheres e homens, ou seja, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir por meio de um estudo que os considere totalmente em separado" (Samara, 1997, p 63).

Neste sentido percebemos que a questão de gênero tem a ver com a questão social, onde a exclusão da mulher é mais uma dentre outras tantas formas de exclusões. Assim, se não partirmos da realidade da mulher e do homem, não será possível entendermos a realidade de exclusão, no âmbito político, econômico, étnico racial e social.

Alterar as relações de gênero é urgente e necessário, assim como se faz necessário que se alterem outras formas de nos relacionarmos em outras instâncias, como, por exemplo, na questão econômica, religiosa, cultural ou política dentre outras. Necessitamos unificar forças, ou seja, articular os vários setores sociais a partir de suas problemáticas comuns como, por exemplo, a luta das mulheres, negros, índios, homossexuais e ecologia etc. Neste contexto estamos entendendo que, se quisermos de fato avançar é necessário considerarmos a linguagem de forma dialética no contexto das relações humanas e intergeracional.

Para CARBONI e MAESTRI, a linguagem é vista

como palco privilegiado da luta de classes, expressão e registro de valores e sentimentos contraditórios de exploradores e explorados. As nações imperialistas lutam para impor suas línguas e, através delas, impor seus valores às nações periféricas. "Os dominantes esforçam-se para que os dominados submetam-se plenamente a uma ditadura lingüística, que facilita e consolida a ditadura social e econômica." (2003 p. 10-11).

Conforme os referidos autores, o domínio econômico político, social religioso e cultural no Brasil se constitui a partir da dominação lingüística, imposta

---

ao dominado pelo dominador nas formas de falar e sobre tudo, de compreender o mundo pela ótica do colonizador.

O massacre lingüístico sofrido no Brasil e na América Latina é muito mais complexo do que aparenta. Para os nativos e posteriormente para os escravos negros, assumir a língua do opressor mais do que desaprender sua própria língua significou a desconstrução de suas raízes de sua identidade; simbolizou a negação de si, de sua simbologia, de suas crenças, do seu mundo e mais que isso, de sua compreensão de mundo, de sua memória. Na medida em que o invasor vai avançando na conquista do espaço, na toma de riquezas e com a "religião e a educação" vai transplantando seus costumes, suas falas e seu "deus" que pune que castiga e que mata em nome da "fé" e que nada mais era que o poder de destruir o dominado, de torná-lo submisso atacando-o naquilo que ele tem de mais sagrado, sua "alma", sua essência sua capacidade de ser por si mesmo.

Se partirmos desta compreensão de que o conflito, choque entre as culturas travou-se além da força física também na linguagem, no simbolismo e na representação do mundo entre os dominadores e os dominados, percebemos que a linguagem passará desde então por um processo de embate e de combate, onde a luta de classes estará presente na luta lingüística e em toda simbologia que a língua carrega. Vitto Gionotti em Muralhas da linguagem vai mostrar que

Nossa Sociedade cortada em dois é a aplicação, em todos os setores, da divisão secular do país entre a casa grande e a senzala. Essa é a chave para se entender o porquê das favelas, o porquê dos baixíssimos salários, o porquê da imensa violência existente. Chave para se entender a situação da saúde, da educação, enfim, a chave geral para se entender a sociedade brasileira, bem como a questão de gênero. Este corte entre dois pólos antagônicos e complementares, o encontraremos no campo da linguagem. (Gianotti, 2004, p 16)

Considerando as afirmações do autor trataremos também na questão de gênero a linguagem como chave geral para compreendermos as desigualdades atribuídas a esta questão a partir das diferenças biológicas que vão se cristalizando pela linguagem, seja ela, oral, visual ou simbólica. Compreendendo que este é um processo construído e em construção, nosso desafio é desvelar a opressão de gênero como parte da opressão social no contexto geral do sistema de poder econômico social e político, percebendo como a linguagem desempenha um papel fundamental na formação enquanto processo de socialização e na construção do indivíduo enquanto ser. Partimos do princípio de que a educação é a reprodutora por excelência na construção de papéis para os indivíduos segundo suas diferenças tanto biológicas quanto sociais que se afirmam também por meio da linguagem.

Mas queremos mostrar principalmente que sendo a linguagem fator determinante na construção do ser e de seu imaginário ela traz base para um processo de desconstrução de valores e possibilita uma reconstrução a partir de uma nova prática transformadora e de igualdade entre os sexos, daí que este trabalho aponte a linguagem em seu caráter dialético. Com base nestas colocações é que discutiremos a idéia gênero, linguagem e a construção do ser. Entendendo que falar sobre gênero é falar sobre valores que se estabelecem na sociedade onde se super valoriza o homem e se menos valoriza a mulher, significa discutir relações entre homens e mulheres, entre adultos e crianças e entre estes e a sociedade e não simplesmente falar apenas de problemas de mulher, de forma isolada em seu "destino" de natureza inferiorizada.

Percebemos o destino criado para a mulher ou para homem, seja a fragilidade feminina ou a fortaleza masculina, como produto da ação das pessoas na sociedade. E estamos entendendo que destino é história não é natureza;

natureza é biologia, papel e destino é ideologia, é representação, é símbolo construído, ser homem ou ser mulher, são representações sociais construídas socialmente na interação com valores reproduzidos dentro de um contexto determinado. Representação aqui é fuga do real, é uma construção, um desenho feito por outro para determinar como alguém deve ser ou se apresentar. Assim as pessoas se vêem com o olhar que a sociedade projeta sobre elas procurando corresponder a essa expectativa onde os papéis de gênero são apresentados como modelos “ideais”.

Um rápido olhar no processo histórico vai nos mostrar como as várias ciências vão sucessivamente contribuindo para apresentar a mulher sempre num patamar desigual com relação ao homem a partir de seu aparelho reprodutor, fazendo da sexualidade um instrumento que vai determinar politicamente quem é o ser mulher e o ser homem, onde cada um deve estar e como cada um pode e deve se comportar.

Platão inventa a matriz feminina, cujo útero é um animal; que vive nelas e com o único desejo de procriar, e a mulher só se realiza se ele produz. É na matriz filosófica e mais tarde no advento do capitalismo com a criação do culto Mariano que a maternidade tem seu fundamento, passa, portanto a ser difundida largamente pela simbologia religiosa como única forma de realização feminina. Cria-se assim o ideário de que toda mulher deve assemelhar-se a Maria e, portanto deve ser mãe, reprodutora da vida e do sistema pela ideologia nela inculcada através da linguagem religiosa com fundamento na filosofia.

Aristóteles vai dizer também que o cérebro da mulher é menor que o do homem, portanto ela pensa menos e morre antes. Assim em 1916 o código civil brasileiro vai definir que a mulher deve estar sob o comando de quem pensa mais, logo sob tutela do homem. Mais tarde no Brasil cria-se também o código civil da

mulher casada, onde diz que: a mulher não é ninguém, é tão incapaz assim como os loucos, índios e crianças, tendo, portanto que estar sob tutela do marido, o casamento passa então a ser status, a mulher sozinha não tinha valor.

Conforme a historiadora Ana Coli, o casamento se torna um passaporte para a felicidade, e também para a gaiola. Assim vai durante décadas se configurando seres com uma visão colonizada de si, as mulheres se vêem com o olhar daqueles que as representaram ou desenharam, é preciso descolonizar este olhar e devolver à mulher a linguagem que lhes foi negada é preciso "desconstruir" os protótipos humanos plasmados em nossas mentes de homens e mulheres, isto é "desnaturalizar" as construções de masculino e feminino que estão desenhados na memória da sociedade e servindo para justificar uma dupla moral para homens e mulheres onde, por exemplo, "trair" para o homem é uma questão privada, moral que faz parte de sua condição de sua "natureza", mas a mulher, se "traí" é uma questão pública e imoral sua "natureza" é ser honesta. (Coli, 2004).

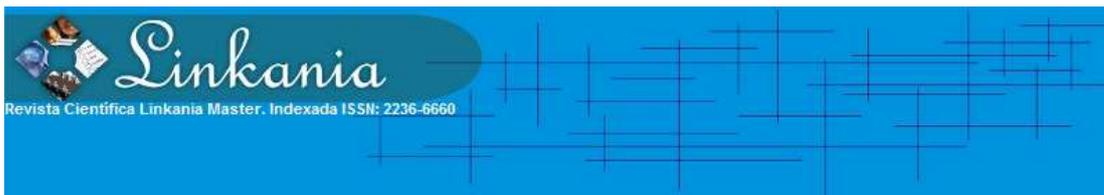
Nessa mesma linha a psicologia com a contribuição Freudiana vai nos dizer que a mulher por não ter falo é uma eterna invejosa, carece de senso de justiça e não tem razão. Reafirmando, portanto a Supremacia masculina. E em todas estas etapas de afirmação de desigualdades a linguagem sempre possibilita esta construção. E assim o aval da própria ciência vai se consolidando a relação de dominação que pauta o imaginário social. Para BOURDIEU,

"a linguagem do 'imaginário' que vemos aqui e acolá ser utilizada, um pouco a torto e a direito, é sem dúvida ainda mais inadequada que a da 'consciência', dado que tende particularmente a esquecer que o princípio da visão dominante não é uma simples representação mental, uma fantasia ('idéias na cabeça'), uma 'ideologia', e sim um sistema duradouramente inscrito nas coisas e nos corpos." (2003, p. 53-54)

O que leva o opressor a eximir-se de qualquer culpa, visto há um “consentimento” o que BOURDIEU de invasão da consciência pelo poder onipresente dos homens.

Conclusão: para BOURDIEU, (...) “só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes.” ( 2003, p. 54)

Entendemos que a linguagem enquanto instrumento simbólico, sendo ao mesmo tempo vítima e culpada na dominação de gênero, deve ser considerada em seu potencial no remodelamento deste processo de desconstrução e reconstrução de símbolos e valores nas relações sociais.

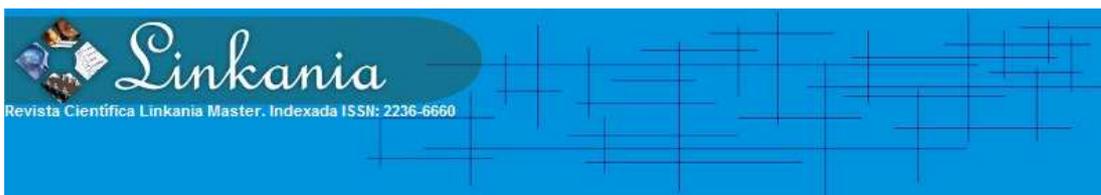


Revista Científica Indexada Linkania Master - ISSN: 2236-6660

Ano 1 - Nº 01 – Setembro/Outubro - 2011

---

Neste sentido é preciso entender o passado para que no presente sejamos capaz, de projetar um futuro com igualdade na diferença. E a linguagem certamente será o principal instrumento do qual precisamos lançar mão para que possamos nos descolonizar a partir de nós mesmos de nossa prática diária, na família, no trabalho, na sociedade, enfim num constante exercício de nos desconstruirmos e reconstruirmos a partir do que vivemos, falamos e acreditamos. É na afirmação ou negação do dia a dia que nos forjamos e somos forjados. Entender a mensagem das falas, nas piadas, nas músicas ou até mesmo nos



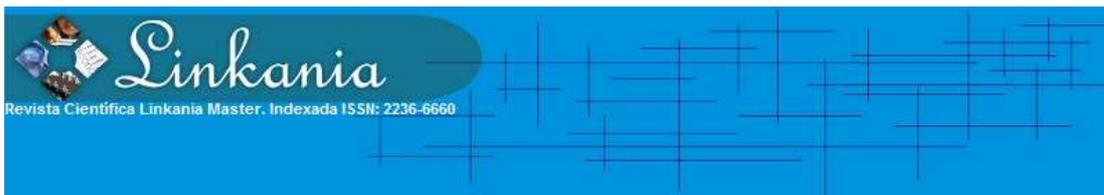
Revista Científica Indexada Linkania Master - ISSN: 2236-6660

Ano 1 - Nº 01 – Setembro/Outubro - 2011

elogios e nas críticas, e criar outras maneiras de nos comunicarmos sem necessariamente nos depreciarmos ou sobre elevarmos frente aos outros é um desafio dialético que precisa ser enfrentado por todos que acreditam na transformação social. Onde devemos transformar nossa linguagem mudando assim nossas representações do ser humano seja ele homem ou mulher, heterossexual ou homossexual, passando assim a nos ver como somos e/ou poderemos vir a ser enquanto humano e não como nos fizeram acreditar que deveríamos ser de forma construída pelas formas que nos foram impostas modeladas pelas estruturas de dominação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES**, Ricardo. *A dialética do trabalho (org)*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- BOURDIEU**, Pierre. *A dominação masculina*; tradução Maria Helena Kuhner. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CARBONI**, Florence e **MAESTRI**, Maria. *A linguagem Escravizada: língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- COLLING**, Ana Maria. *A Construção da Cidadania da Mulher Brasileira: a Questão da Igualdade e da Diferença*. Tese de Mestrado.
- GIONOTTI**, Vitto. *Muralhas da linguagem*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- KOLONTAI**, Alexandra. *A nova mulher e a Moral Sexual*. Expressão Popular. 1º edição, São Paulo, 2000.
- LANE**, S.E. Codo, W. Org. *Psicologia Social: O homem em Movimento*. 9ª ed. S. P. Brasiliense, 1991.



Revista Científica Indexada Linkania Master - ISSN: 2236-6660

Ano 1 - Nº 01 – Setembro/Outubro - 2011

---

**LAQUEUR**, Thomas Walter. Inventando o sexo: *corpo e gênero, dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

**LOURO**. Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: *Uma perspectiva pós-estruturalista*. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_ (Org) O corpo educado: *pedagogia da sexualidade*. 2ª ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

**MEYER**, Dagmar. Soares Rosângela. Corpo, Gênero e Sexualidade. Porto Alegre, editora Mediação, 2004.

**MINELLA**, Luzinete Simões. Gênero e Contraceção: Uma perspectiva Sociológica. editora da UFSC. Florianópolis. 2005.

**MURARO**, Rose Marie; **BOFF**, Leonardo. Feminino e Masculino: Uma Nova consciência Para o Encontro das Diferenças. Rio de Janeiro, editora Sextante, 2002.

**RAUBER**, Isabel. *Gênero y Poder*. Ensaio-Testimonio: Edición especial Parte I, Enero 2003.

**SAMARA**, Eni Mesquita e org. Gênero em debate: *trajetória e perspectivas na história Contemporânea*. São Paulo: Educ. 1997.

**TOLEDO**, Cecília. *Mulheres o Gênero nos une, a classe nos divide*. Editora Xamã: São Paulo, 2001